

O EXÍLIO DE CRIANÇAS BASCAS NO PÓS-GUERRA CIVIL ESPANHOLA (1936-1939)¹

EL EXILIO DE LOS NIÑOS VASCOS EN LA POSGUERRA CIVIL ESPAÑOLA (1936-1939)

Dolores Martín Rodríguez Corner²

RESUMO: O presente artigo busca analisar o exílio de crianças bascas durante e no pós-Guerra Civil Espanhola, em especial, momentos em que milhares de crianças espanholas tiveram que partir em navios e trens a países estrangeiros como França, Rússia, Reino Unido, México e Bélgica, usurpadas de seus lares e afetos. Crianças, em sua maioria, órfãs, sem possibilidades de voz ou de ação, separadas de seus entes, muitas delas fugindo dos bombardeios aéreos que os alemães nazistas, aliados de Franco impuseram à cidade de Guernica, País Basco. Hoje, muito se percebe imortalizado na pintura de Picasso com o quadro homônimo, tristes memórias dos sentimentos que experienciaram. Desses atos infames, a história foi sendo narrada e muitos aspectos silenciados pelo horror da época. Após finalizada a Guerra Civil, a maioria delas foi repatriada, sendo que, cerca de mil crianças desapareceram, algumas faleceram no estrangeiro, e outras não retornaram. Para acolhê-las o País Basco desde 1937 preparou Centros de Auxílio Social, as chamadas “*Casa de los niños*”. Assim, busca-se metodologicamente analisar as fontes primárias como narrativas dessas crianças, hoje adultas, como entrevistas de retornados ao país, suas memórias da viagem, as formas de educação recebida, com especial atenção às experiências de exílio, valendo-se da História oral. Os resultados almejam compreender aspectos ainda não tratados sobre o exílio de crianças, fato que ficou obscurecido na historiografia, pelo volume expressivo do êxodo dos adultos, fugindo da perseguição empreendida pelo governo e das questões de incorporar os

¹ Apresentação realizada no II Colóquio Internacional Imigrados, Exilados e Refugiados: Trajetórias de vida e marcas de um legado. Brasil século XIX ao XXI em 03-04/11/2022 (LEER – USP).

² Doutorado em História (PUC-SP). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: pesquisadora do Nehsc. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3645-6785>. E-mail: doloresmartin@terra.com.br

sentimientos e emoções das crianças, a partir das memórias dolorosas dessas experiências.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Exílio; Guerra Civil Espanhola; Memórias.

RESUMEN: Este artículo pretende analizar el exilio de los niños vascos durante y en la posguerra Civil Española, particularmente, los momentos en los que miles de niños españoles tuvieron que partir en barcos y trenes hacia países extranjeros como Francia, Rusia, Reino Unido, México y Bélgica, usurpados de sus hogares y afectos. Niños, la mayoría de ellos, huérfanos, sin posibilidad de voz ni de acción, separados de sus seres queridos, muchos de los cuales habían huido de los bombardeos aéreos que los nazis alemanes, aliados de Franco, impusieron a la ciudad de Guernica, en el País Vasco. Actualmente, se pueden ver inmortalizados en el cuadro homónimo de Picasso, los tristes recuerdos de los sentimientos vividos en aquel entonces. Se ha narrado la historia de esos hechos infames pero muchos aspectos han sido silenciados por el horror de la época. Tras el final de la Guerra Civil, se repatrió a la mayoría de los niños, aunque alrededor de mil de los exiliados desaparecieron: algunos murieron en el extranjero y otros no regresaron. Para acogerlos, el País Vasco habilitó, a partir de 1937, los centros de asistencia social denominados *Casa de los niños*. Así, en este artículo se busca analizar metodológicamente fuentes primarias como: las narrativas de esos niños, hoy día adultos; las entrevistas a quienes retornaron al país; los recuerdos de viaje; las formas de educación recibida; y, con especial atención, las experiencias del exilio, recurriéndose a la historia oral. Los resultados tratan de comprender aspectos aún no abordados sobre el exilio de niños, hecho que ha sido oscurecido en la historiografía debido al importante volumen del éxodo de adultos que huyeron de la persecución llevada a cabo por el gobierno, como los problemas de la incorporación de sus sentimientos y emociones a partir de los dolorosos recuerdos de esas experiencias.

PALABRAS-CLAVE: Niños; Exilio; Guerra Civil Española; Recuerdos.



10.23925/2176-4174.v1.2024e67045

Recebido em: 10/05/2024.

Aprovado em: 20/05/2024.

Publicado em: 05/06/2024.

Introdução

Os deslocamentos humanos marcaram o século XX e se intensificaram no século XXI com o aumento de refugiados, exilados, emigrados, voluntariamente ou forçados pelas circunstâncias político-sociais pelas quais passavam seus países.

A história contemporânea registra números expressivos, sem precedentes, de um movimento que atingiu vários países e regiões de expatriados, obrigatoriamente deslocados de seu território. Partiam em busca de sobrevivência, oportunidades e vida livre de opressão.

Nesse artigo, pretendemos identificar o exílio de crianças bascas após a (G.C.E),³ seus pais partiram para o campo de batalha, foi providenciada a retirada das crianças enquanto durasse o conflito, procurando demonstrar as consequências sociais e afetivas para esse contingente populacional.

De certa forma, o volume relevante de adultos que tiveram que deixar a Espanha nessa época, possa ter obscurecido o êxodo das crianças, que embora em menor número, foi muito expressivo. Isso não representa que o fato de que o exílio infantil não tenha sido tão ou mais relevante que o êxodo dos adultos.

A expatriação infantil da região basca é uma temática com extensa bibliografia, que inclui depoimentos e memórias de retornados ao país de origem, tendo saídos quando crianças, explicando os sentimentos e as vivências do tempo no exílio, que, para uns, significou um período feliz, porém, para outros, nem tanto. A experiência vivida fora do país persistiu em suas reminiscências, tornando-se uma lembrança de angústia para as famílias que, no sofrimento trazido pela guerra, separaram-se de seus filhos enviados para locais mais seguros.

Buscou-se, metodologicamente, uma análise bibliográfica contidas nas fontes primárias existentes principalmente na Espanha, bem como no acervo de teses e

³Guerra Civil Espanhola.

dissertações. Ademais, foram analisadas as fontes quantitativas, os índices que apontam numericamente os meninos e meninas que partiram para o exílio conforme encontradas em Pons Prades (1997) e Zafra, et al. (1989).

A Guerra Civil Espanhola

Figura 1: Guernica de Pablo Picasso.



Fonte: Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia. Madrid

Guernica, tela a óleo, representa o ataque aéreo à cidade basca homônima, realizado por aviões de guerra da Alemanha nazista, na Legião Condor, aliados de Franco, em 26 de abril de 1937, causando destruição da cidade e a morte de 1600 civis. O autor, com extrema sensibilidade, expressou a dor, o sofrimento e a morte causada pelos bombardeios às pessoas, animais e à natureza, trazendo devastação. Foi uma represália do governo nacionalista ao povo basco por apoiar os republicanos, além disso por reconhecer a importância dos bascos na constituição da II República Espanhola.

Picasso imortalizou, com tinta fosca em preto e branco, a crueldade sofrida pela cidade basca, as tristes memórias que deixaram muitas crianças mortas e outras órfãs. Sabendo-se que outras cidades da província de Biscaia foram atacadas com sucessivos bombardeios, principalmente as do País Basco, portanto Guernica não foi a única cidade atingida.

Essa obra esteve exposta na ONU e somente retornou à Espanha em 1981, por solicitação do governo, anos após a morte de Franco. Com essa arte, a história foi sendo narrada, pois por si só revela os horrores da guerra civil na qual irmãos matam irmãos, por ideologias vãs.

Uma curiosidade a respeito do quadro de Guernica ocorreu quando um oficial nazista, em revista ao apartamento de Picasso em Paris, ao observar o painel do artista encontra o quadro e pergunta a ele: “Foi você quem fez isso?” Ao que Picasso respondeu: “Não vocês o fizeram.”

A sangrenta Guerra Civil Espanhola (1936-1939) representa uma das páginas mais horrendas da história. Na verdade, foi uma luta de forças desiguais onde os republicanos reagiram ao ataque das forças de Franco, enfrentando-as com a coragem e em inferioridade numérica na defesa de suas ideias, enquanto os nacionalistas contaram com o apoio bélico de regimes ditatoriais aliados, como a Alemanha de Hitler.

Segundo Álvarez Gila (2021.p. 95-112), o País Basco tornou-se palco das operações da zona da chamada “Frente Norte” da Guerra Civil Espanhola, enquanto outras áreas da região foram rapidamente tomadas pelos rebeldes.

Numa combinação de militares tradicionalistas, católicos conservadores, monárquicos, partidos de direita, a versão espanhola do fascismo, que lutavam contra um governo democraticamente eleito da Segunda República espanhola e as autoridades legais das províncias de *Bizkaia* e *Gipuzkoa*.

No início do mês de outubro de 1937, o País Basco obteve seu autogoverno, com o estatuto de autonomia aprovado pelo parlamento espanhol, mas somente controlava a província de Bizkaia, organizando a resistência miliar na fronteira com *Gipuzkoa* e foi possível deter o avanço das tropas rebeldes do País Basco.

O esforço em proteger as crianças espanholas

Logo após o início do conflito, o governo basco iniciou a retirada das crianças daquele ambiente hostil, a fim de mantê-las a salvo das cidades bombardeadas levando-as para abrigos infantis em cidades espanholas não atingidas até naquele momento.

Devido à intensificação dos combates na GCE os pais, especialmente os **republicanos**, preocupados com a integridade física e mental de seus filhos, tiveram como saída isolar as crianças dos conflitos e protegê-las dos horrores que estavam passando.

Após sucessivos ataques e o acirramento da GCE, a desestabilização da estrutura social e familiar deixou as crianças, em sua maioria, órfãs e em situação de

risco, necessitando ser protegidas, uma vez que estavam sem possibilidade de voz ou de ação. Com a preocupação de salvar milhares delas, especialmente as bascas, o governo, os republicanos em geral e as famílias buscaram uma saída, para resguardá-las dos ataques aéreos que atingiram outras cidades, além de Guernica, e optou-se por enviá-las para onde os conflitos não eram intensos.

Para tanto, elas foram mandadas à casa de parentes e conhecidos que viviam em zonas mais tranquilas, em cidades espanholas pequenas, que não estavam diretamente envolvidas em batalhas. Madri, a capital, encaminhava os menores às cidades próximas como *El Escorial*, *Colmenar Viejo*, *Chinchón*, *Campo Real*, *Morata de Taguña* e *San Martín de la Veja*, segundo Vieira (2001). Enquanto os bascos enviaram seus filhos para cidades do País Basco francês, pela proximidade e por questões geográficas. Conforme Arangués-Estragués (2022. pp.78-98):

Os meninos mais frágeis seriam os mais prejudicados. Milhares de meninos se viram arrastados da mão de suas mães e no melhor dos casos, também de seus pais pelos caminhos da Espanha. Passando fome, frio e todo tipo de necessidades, inclusive em ocasiões encontrando a morte em alguma valeta metralhados pela aviação, ou abaixo de algum edifício alcançado pelas bombas inimigas.

Para tanto, o governo buscava conscientizar a população sobre a questão das crianças desabrigadas através de propaganda no rádio e distribuição de cartazes e cartões postais nos quais garantia cuidar das mesmas.

Figura 2: Cartazes com frases para sensibilizar os pais.

EVACUAD MADRID. CONFIAD VUESTRA FAMILIA A LA REPÚBLICA.

LOS NIÑOS NO DEBEN SUFRIR LOS HORRORES DE LA GUERRA.

EN LAS COLONIAS DE MINISTERIO DE INSTRUCCIÓN PÚBLICA TENDRÁN SALUD Y ALEGRÍA

Fonte: Vieira, Maria Eta. Dissertação de Mestrado. USP. 2001.

Para proteger os filhos da guerra e dos ataques aéreos, o governo criou uma opção, as Colônias Infantis em regiões menos afetadas, e no mês de dezembro de 1937, a Espanha já registrava 564 colônias, os Centros de Auxílio Social chamadas

“*Casa de los niños*” que abrigava 45.248 crianças, segundo Pons-Prades (1997). As crianças passaram a ser acolhidas tanto por famílias, em cidades próximas, como em grupos em colônias instaladas em hotéis, balneários, ou casas de campo onde cada colônia tinha um diretor responsável, professores e auxiliares, encarregados de cuidar do bem-estar e garantir que fossem atendidas suas necessidades culturais.

Mesmo mantendo as crianças, em sua maioria em “*casas de los niños*”, a guerra foi se estendendo e o número delas aumentando, obrigando a Espanha a aceitar enviá-las ao exílio no exterior até que tudo terminasse. Não foi um processo fácil para os pais e nem para os filhos, porque envolvia aspectos emocionais e afetivos, na verdade, uma ruptura na vida familiar que deixaria profundas marcas, mas sim, uma ação necessária naquele momento.

A respeito do tema das crianças bascas exiladas na Espanha, há uma vasta reflexão bibliográfica, inclui relatos de retornadas ao país, agora adultas, falando de suas vivências de um tempo vivido no exílio, que permaneceram em suas memórias.

Entre muitas produções que destacaram o exílio de crianças, encontra-se *El otro árbol de Guernica*, no qual Castresana (2005) relata de forma romanceada, a experiência de um menino refugiado na Bélgica, desde sua saída da Espanha, os medos, a insegurança, a adaptação ao novo ambiente em que passou a viver e o retorno a Espanha. Por ser o livro relevante, destacando aspectos do cotidiano de um refugiado, o livro foi transformado em filme (1969) por seus recursos pode melhor demonstrar o horror da Guerra Civil e o sofrimento das crianças desterradas por proteção. No contexto da GCE, os meninos representavam um papel fundamental, a inocência, diferentemente dos adultos que possuíam uma ideologia motivadora.

Os depoimentos de alguns meninos bascos exilados revelam a experiência passada na infância, como o de Paco Larzabal e de Iñaki Urdangarin segundo Pons-Prades (1997. p.192-193) mostram o contexto em que viviam:

Cuando tenía ocho años, Iñaki tuvo que abandonar San Sebastián rumbo a Francia. Mientras en España seguía resonando el eco de las bombas, allá por el año 1937. Rouen se convirtió en un pequeño paraíso para los 600 niños exiliados que llegaron a esta ciudad gala, entre ellos Iñaki Urdangarin. «Nos instalaron en unos barracones. Yo sólo estuve tres meses, porque tuve la suerte de que me acogiera una familia que se portó muy bien».

Iñaki aos oito anos de idade, deixou San Sebastián e foi para o exílio na cidade de Rouen, na França, juntamente com outros 600 meninos exilados e relata: “Nos instalaram em barracões, onde estive por três meses, pois tive a sorte de ter sido acolhido por uma família de bem. Regressei a minha cidade, quando meu pai havia sido retirado do campo de concentração⁴ da cidade de Soria e solicitou meu retorno.”
Complementa:

Al cabo de tres años, al pasar la frontera de Irún nos llevaron a unas escuelas de Hondarribia. Y allí, sin que nos dieran nada de comer, un señor de bigotes nos dio un papel y nos hizo cantar el Cara al Sol. Es el recuerdo más amargo de mi vida.

Paco Larzabal, vicepresidente da Asociación de Niños Vascos del 37, relata: «*Yo me marché cuando tenía trece años. Estuve en Inglaterra, en una colonia de Leicester*». Passados vinte meses na Inglaterra ele retornou a Espanha, enquanto outros meninos bascos exilados tiveram que esperar muitos anos para regressar a casa.

Gregorio Arrien, sacerdote *vizcaíno*, segundo Pons-Prades (1997.p.175) quem mais conhece o exílio de mais de trinta mil meninos bascos durante a GCE, declarou em um de seus livros: «*El exilio de nuestros niños fue un hecho dramático*».

O madrilenho Emilio Cano, ex-diretor e professor de idioma espanhol da Casa de Espanha de São Paulo, entrevistado pela autora por ocasião da pesquisa do doutoramento, entre outras coisas relatou sua experiência de infância na época da Guerra Civil Espanhola, quando foi enviado à cidade de Valência por sua família, numa tentativa de evitar o seu sofrimento. Em sua memória, os momentos vividos com seus pais valencianos, que dele cuidaram com carinho, não se apagaram, mesmo passadas muitas décadas, sempre recordava de sua estada ali como boa lembrança. O fato de ter sido exilado em cidade espanhola foi um facilitador da manutenção da cultura de seu país.

O autor Luís de Castresana (2005. p. 8) apresentou a história de suas experiências de exilado vividas na infância: “*Sé que cuanto relato aquí ha sido vivido*

⁴ Após a GCE seguiu-se uma perseguição ferrenha aos republicanos por parte do governo, criando campos de concentração aos inimigos.

y no inventado. Y sé por qué lucharon y cómo ganaron su guerra estos vizcainitos, estos españolitos de Alseberg... porque yo era uno de ellos.”

O exílio no estrangeiro

Devido ser o País Basco a região mais atingida pelos bombardeios, dele provinha a grande parte das crianças e a proximidade facilitou a ida das mesmas e a distribuição delas às diversas cidades francesas, ou mesmo para a Bélgica.

Figura 3: Mapa do País Basco.



Fonte: Acervo da Profa. Dra. Izarkun Kortazar da Universidade de Boise de Washington, coordenadora do N.A.B.O. (North American Basque e Organization).

A Espanha limita-se a Leste com a França, com a região do País Basco francês de proximidade territorial, separadas apenas pelos Pirineus, fez com que a França se tornasse a maior aliada na GCE. Inclusive, quando da ida das crianças bascas ao exílio, era permitido as mães, acompanhar seus filhos, atuando como auxiliares, o que acalmaria algumas nessa situação que envolvia separação. Agilizando o processo de ajuda no socorro das crianças, o Departamento de Assistência Social Espanhol iniciou acordos com este país para recebê-las, contando com o apoio da esquerda francesa, pelo *Comité d'Accueil aux Enfants d'Espagne*. conforme Arrien (2014. P.58-62)

Quanto ao número exato de crianças em exílio, os autores discordam, e apontam números aproximados, embora seja de fato difícil naquele contexto a exatidão dos dados. Inclusive, algumas crianças cruzavam a fronteira e entravam na

França como clandestinas, em busca de refúgio de um novo lar, que fosse acolhedor e estivesse longe das linhas de guerra.

Então, o governo da II República promoveu o afastamento dos menores com a ajuda de auxílio humanitário internacional de vários países. Para os republicanos, a preferência na escolha do país de acolhimento ficava com os países socialistas e comunistas para que seus filhos pudessem desenvolver-se dentro da filosofia de seus pais, pela qual lutavam.

Assim sendo, a França tornou-se o país europeu que recebeu o maior número delas, 17.489, das quais 5.130 foram enviadas posteriormente à Bélgica. Para a Inglaterra foram 4.000, enquanto a União Soviética acolheu 1.610, em números aproximados, segundo dados de Alonso-Carballés (1998).

O tipo de permanência dos grupos de crianças dependeu do país de acolhida, e muitos permaneceram décadas no exílio, à espera da recuperação econômica espanhola, ou da liberação do país de acolhida. Várias crianças não retornaram a Espanha depois de terminada a guerra enquanto outras faleceram ou nem chegaram ao destino.

Consta, do total de 37.487 crianças exiladas regressaram, aproximadamente cinquenta e cinco por cento que corresponde a 20.266. Permaneceram definitivamente no estrangeiro 17. 221. Os 34 repatriados da União Soviética foram alistados nos destacamentos formados para a defesa de Leningrado (1941). Alguns foram feitos prisioneiros pelo exército alemão e enviados a Espanha, embora não haja confirmação desse fato ele é citado pelo autor. (Pons-Prades. 1997. p.34)

A tabela apresentada por Pons-Prades (1997.p.33) aponta aproximadamente o país de destino e o número de crianças exiladas e das repatriadas:

Tabela 1: Tabela de evacuados e repatriados.

<i>Destino</i>	<i>Evacuados</i>	<i>Repatriados</i>
1. Francia	17 489	12 831
2. União Soviética	5291	34
3. Bélgica	5130	3798
4. Inglaterra	4435	2822
5. Suíza	807	643
6. México	3800	56
7. Norte de África (Francia)	335	24
8. Dinamarca	120	58
TOTAL	37 487	20 266

Fonte: Pons-Prades, 1997.p.33.

Por estes dados, retornaram aproximadamente, 55% ou 20.266, dos meninos, sendo que ficaram definitivamente no estrangeiro 17.221 crianças. Os 34 repatriados da União Soviética faziam parte do grupo de acrianças da guerra, alistados nos destacamentos formados para a defesa de Leningrado (1941). O autor, (Pons-Prades. 1997.p.177) afirma, sem medo de errar, que ficaram fora entre 5 e 10%, em sua maior parte os órfãos ou os que tinham seus pais na prisão.

Para melhor atender aos exilados foi criada uma Comissão Internacional para a Ajuda dos Refugiados Infantis da Espanha com sede em Genebra e depois em Paris, além do Comité de Ajuda aos Meninos da Espanha, enquanto os ingleses, para atender aos meninos/as procedentes de *Euskadi*, criaram o Comité para Niños Vascos (*Basque Children's Committee*). Outros países, como Suécia y Noruega, sustentaram colonias infantis na França. Para tanto, duas importantes associações espanholas também colaboraram: o *Socorro Rojo Internacional* (comunistas) e a *Solidaridad Internacional Antifascista* (anarquistas).

Ao chegar à França, as crianças passavam por exame médico, recebiam vacinas, alimentos e roupas adequadas, sendo que algumas tiveram um período de adaptação antes de se trasladarem à Bélgica. Eram “adotadas” por famílias francesas e belgas, ou em famílias espanholas residentes nesses países, as quais providenciavam escolas e, passado o tempo, muitas sentiram-se plenamente integradas, segundo Payá-Rico (2018). Procedimentos semelhantes eram oferecidos às crianças nos demais países de acolhida, nos quais os refugiados passavam por

vistoria médica, isolamento e observação em caso de suspeita de doenças. Até mesmo as roupas eram desinfetadas. (Pons-Prades. 1997, p. 244)

Nesse episódio dramático, o governo brasileiro elaborou um plano de resgate, iniciado em 1940, criado por pressões do Presidente norte-americano, Roosevelt, mas tornou-se um projeto abortado. O Comitê Espanhol para refugiados de Guerra cuidaria da entrega das crianças, as quais ficariam aos cuidados da Cruz Vermelha Brasileira e, mais tarde, estariam aos cuidados do Juízo de Menores. Mas, em 1945, quando o Brasil finalmente emitiu um responsável para resgatar as crianças órfãs, depois de trâmites burocráticos e impedimentos, a Alemanha já havia capitulado, Hitler estava morto e não havia mais necessidade do socorro. Carneiro (2018, pp.323-342)

Entre os países que se prontificaram a receber um grupo de crianças nesse momento delicado pelo qual passava a Espanha, na América, o presidente mexicano Lázaro Cárdenas, em 1937, ofereceu asilo político aos intelectuais republicanos, que estivessem sofrendo perseguição política, durante o período da GCE. (Sanchez-Ródenas. 2010. p. 244)

Nessa ocasião, muitos catedráticos trasladaram-se ao México como colaboradores nas Universidades locais até que terminasse o combate, mas, mesmo após terminada a GCE, eles mantiveram uma longa permanência nesse país devido à perseguição violenta a eles imposta pelo regime franquista. Além do asilo aos adultos, o México estendeu o convite a quase 500 crianças espanholas, para que saíssem das regiões de conflito e dos horrores da guerra enviando o navio *Mexique* com a missão de levá-las, em junho de 1937.

Depois de 14 dias de viagem marítima, desembarcaram no porto de Vera Cruz e foram levadas para a cidade de *Morelia* e encaminhadas para o Colégio de *Morelia*, construído exclusivamente para elas com o objetivo de que permanecessem juntas, ficando conhecidas como *Niños de Morelia*. Na chegada, foram recepcionadas com bandas de música e comitês de boas-vindas, além de acolhidas por famílias mexicanas e espanholas residentes no país.

Porém, os opositores ao presidente Lázaro Cárdenas, através da imprensa mexicana, criticavam a decisão de receber, como exilados, além dos intelectuais espanhóis, aos meninos em situação de abandono em seu país, por ocasião de uma Guerra Civil que estavam atravessando. Diziam que, em vez de cuidar dos meninos mexicanos pobres e necessitados, filhos de leprosos e outros, iriam investir na

educação dos meninos espanhóis, construindo uma escola e mantendo gastos com professores, merenda escolar, auxiliares, além de alimentação e moradia. Em vez disso, deveria o governo priorizar os seus.

O jornal mexicano Excelsior, em sua edição de 3 de junho de 1937, criticava a decisão de acolher meninos espanhóis em detrimento dos meninos mexicanos. Nesse ambiente de rejeição, as crianças espanholas foram abandonadas e sobreviveram às duras penas e, ao terminar a GCE os mexicanos não se apressaram em “devolvê-las” ao seu país de origem. (Sanchez-Ródenas. 2010. P.243-256)

Curiosamente, terminada a guerra, a maioria permaneceu morando no México, mas em total abandono pelo governo mexicano, segundo o mesmo autor. Mesmo quando se tornaram anciões, os exilados reconheciam-se como espanhóis e não mexicanos, ainda que tivessem passado por um bom tempo naquele país, o máximo que admitiam eram ser reconhecidos como “os meninos de Morelia”.

O Exílio na ex-União Soviética: experiências de vida e estudos

A União Soviética está entre os países que recebeu crianças da guerra espanhola, sendo acolhidas nas chamadas “Casas de Los Niños”, que eram casas e palácios, residências de antigos aristocratas ou burgueses antes da Revolução Bolchevique, mas também foram para museus ou orfanatos. Existiam dezesseis casas, sendo que a primeira delas ficava em Moscou, num palácio burguês que, mais tarde, passou a ser a embaixada do Vietnam, outras destas casas em Leningrado e em Jerson, situadas no centro das cidades.

As demais crianças destinadas ao país foram para a Ucrânia, em Odessa, recebidas em lugares aprazíveis como em bosques, perto de um rio, lago e até do mar. Eram casas dotadas de um edifício central, refeitório, quadras esportivas e moradia aos professores, na opinião de Zafra. *et al.* (1989.p.50), nas quais o educador assumia o papel de pai ou mãe das crianças.

Os professores e educadores eram espanhóis e soviéticos, as aulas eram ministradas em idioma espanhol e houve necessidade de fotocopiar livros espanhóis, seguindo uma linha ideológica e de orientação laica. Os auxiliares de classe eram espanhóis, cuidavam inclusive da cozinha das crianças, o que garantiu a manutenção do gosto e o sabor da comida de afeto, aquela na qual estavam acostumados.

O processo de aprendizagem desenvolveu-se com muitas dificuldades, desde a adaptação a uma cultura diferente daquela da origem, ao clima e ao idioma, embora professores espanhóis os acompanhassem e os professores russos procurassem lecionar em espanhol. Os russos receberam as crianças com carinho e elas foram bem recepcionadas e acolhidas, receberam afeto e educação. As necessidades básicas foram atendidas como: alimento, instrução escolar, cuidados de higiene e lazer, além disso, o acompanhamento dos professores espanhóis ao exílio, não deixava apagar completamente os traços culturais do país de origem.

Apesar de todos os cuidados, a longa permanência em território russo provocou assimilação de práticas culturais e, como resultado do exílio, as crianças bascas incorporaram hábitos e costumes. Segundo Bourdieu, (2004) o *habitus* é o princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unitário, ou seja, um conjunto unitário de pessoas, de bens, de práticas. Apesar da boa acolhida, sofreram o impacto das diferenças culturais, climáticas e linguísticas.

Além de seus pertences, a pessoa que deixa seu país e vai viver em outra realidade, seja por motivos diversos político-ideológico ou por sobrevivência, de forma espontânea ou forçada, leva consigo sua cultura, seus hábitos e costumes. Segue-se a esse traslado, um período de adaptação à nova realidade, aos costumes, à alimentação, quer dizer, vivencia uma nova forma de vida que acarreta transtornos. No caso das crianças exiladas na URSS, pelo bom acolhimento que tiveram no país, em poucos meses superaram essa fase.

Se a família aparece como a mais natural das categorias sociais, e se ela é destinada à formação em grande parte do *habitus* dos familiares, o fato de crianças espanholas terem duas famílias nesse período, tornou-as divididas entre duas culturas. Conforme Bourdieu (2004) a família é enquanto coletivo incorporado, um princípio de construção da cultura e as crianças estavam vivendo em famílias estrangeiras em idades de construção de valores e hábitos, portanto estavam sujeitas a interferências.

Mesmo que, para algumas destas crianças, deixar a terra natal tenha sido traumático, a chegada aos países que as acolheram foi de grande euforia e entusiasmo. O afastamento de seu ambiente nativo, separadas de seu país e levadas para terras estrangeiras com costumes e hábitos distintos, numa época de formação,

fez com que essa geração adquirisse uma personalidade distinta, pois ficou muito relacionada com o país de acolhida.

Segundo Vieira, (2001) os professores, educadores e demais funcionários que as acompanharam ao exílio, estavam preocupados com a formação de cidadãos espanhóis, mantendo o discurso de que “você têm que estudar para retornar à sua pátria e lutar pela justiça e liberdade de seus irmãos”, essa argumentação era uma constante.

O fato é que algumas já estavam separadas de suas famílias, pois foram morar em Colônias infantis preparadas pelo governo espanhol em cidades de pequenos confrontos, exatamente para preservá-las dos bombardeios e das cenas chocantes comuns nos conflitos.

Embora elas tivessem vivido no exílio na época de formação de caráter e personalidade, o sentimento de Pátria prevaleceu, fato que se ressalta nas entrevistas de retornados, pois agradeceram a acolhida, mas estavam interessados em voltar a seu país de origem e afirmavam serem espanhóis e poucas perderam essa identidade.

Os russos receberam as crianças com carinho e elas foram bem recepcionadas, acolhidas receberam afeto e educação, conforme destaca esse relato de Manuel Arce:

Los rusos nos cogieron con muchísimo cariño a los españoles y eso nosotros lo notamos mucho... mucho... durante todos los treinta años que yo he estado allí... Nosotros notamos el cariño que ellos tenían a los españoles porque si era español se abrían más puertas.
(Vieira.2001)

As necessidades básicas foram atendidas como: alimento, instrução escolar, cuidados de higiene e lazer, além disso o acompanhamento dos professores espanhóis ao exílio, não deixavam apagar os traços culturais. No entanto, vivendo em outro país, passaram por uma readaptação aos costumes e a cultura local, porque, embora os marcos identitários de sua terra natal permanecessem, houve a aquisição de novos hábitos e costumes próprios de outras culturas.

Torna-se evidente o fato de estarem em uma cultura diferente, a identidade desses meninos seria por ela influenciada, em todos os aspectos culturais, idioma, alimentação, valores, costumes e hábitos, conforme Pesavento (2003. p.60):

A produção de identidades, no caso, é sempre dada com relação a uma alteridade com a qual se estabelece a relação. Proximidade e distância coexistem. Como diz Ginzburg, somos sempre estrangeiros com relação a algo ou alguém. Os outros que marcam as diferenças são muitos, tais como os recortes de pertencimento identitário podem ser também variados e se superpor em uma mesma pessoa.

Entende-se por **identidade** o processo de construção de significados com base em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. “As identidades são múltiplas e vão desde o eu, pessoal, construtor da personalidade, aos múltiplos recortes do social, fazendo com que um mesmo indivíduo superponha e acumule em si, diferentes perfis identitários.” Pesavento. (2003.p.90)

Angelo (2021) destaca que as identidades múltiplas são expressas em formas de ser e de sentir, se encontram em significados e símbolos como formas de interação e de união, mas são dinamicamente múltiplos na sua essência. Assim sendo, devido ao longo período de permanência em países estrangeiros, o nível de identificação pela cultura, que permeou suas vidas, era muito grande, principalmente por estarem em fase de formação de valores e de costumes.

Nesse caso, o exílio foi tido como um ato imposto, que independeu da vontade própria, não podendo ser considerado como a emigração, que é realizada com consentimento da família ou do indivíduo, mas sim uma emigração forçada. Ainda que a motivação das pessoas envolvidas aponte para a necessidade urgente de deixar o país, numa questão de sobrevivência, como ocorreu com as crianças espanholas.

A historiografia registra momentos semelhantes vividos por países, que por estarem preocupados com a segurança de suas crianças, buscaram retirá-las da situação de guerra na qual estavam inseridas levando-as para outras cidades menos atingidas pelos conflitos, ou mesmo para outros países que se prontificassem a recebê-las por um período, até que as condições permitissem o retorno. Este mesmo procedimento, de retirar as crianças em momentos de conflitos bélicos, por verem seus lares destruídos, seus pais sendo levados prisioneiros deixando-as em completo abandono foi utilizado também durante a II Guerra Mundial.

O genocídio do povo judeu afetou diretamente as crianças, consideradas as maiores vítimas nesses casos, que envolveu uma tentativa de salvar milhares de crianças judias, que ficaram sem seus pais exterminados em massacres coletivos ou foram mortos em campos de concentração.

Retornados

Finalizada a Guerra Civil, a maioria das crianças foram repatriadas, outras desapareceram ou faleceram no estrangeiro, e muitas não retornaram.

Os países México e União Soviética recusaram-se a devolver as crianças, pois consideraram que elas já se encontravam adaptadas ao país. Quanto às 500 crianças que foram exiladas ao México, regressaram apenas 60 delas, índice insignificante que demonstra a recusa mexicana em fazê-las regressar, o que acarretou grande insatisfação causada tanto às crianças como a suas famílias, após o afastamento de vários anos do lar.

No caso da URSS, o retorno das crianças não poderia ser feito tão logo a GCE terminou, pois com o início da II Guerra Mundial, entrou em guerra, enquanto a Espanha associou-se aos países inimigos, tanto europeus quanto os Estados Unidos, o que dificultava a comunicação e o entendimento com o objetivo de retornar os agora adolescentes ou adultos a seu país. Em 1956, cerca de vinte anos depois do exílio infantil, ocorreu o primeiro retorno para a Espanha, que atingiu apenas um terço dessas crianças. Oitenta anos depois, ainda havia 13 das “crianças”, morando no país com idades entre 85 e 93 anos na época.

O caso das crianças que deixaram a Espanha e permaneceram no exterior nos anos mais decisivos de formação identitária para aquisição das culturas e costumes, longe de seu país, ao retornar à sua terra natal, dez e até vinte anos depois, demoraram muito para uma nova adaptação de vida.

Passado o tempo, os retornados, agora adultos, encontraram um país esfacelado, vivendo o sistema de racionamento de alimentos e com cadernetas para o registro das retiradas, desemprego, penúria, muitos órfãos ou com pais nas prisões, sentiram-se deslocados, sem oportunidades de trabalho ou de estudos. Se fora difícil a adaptação em país estrangeiro, o retorno à Espanha apresentava igual ou maior dificuldade no processo.

Vieira (2001) descreve que as crianças, ao saírem do País Basco encararam a situação vivida, em um primeiro momento, com alegria por não ter que ir à escola, pois muitas estavam fechadas ou ocupadas pelo exército. Estariam experimentando uma sensação de liberdade e divertimento, desconhecendo os perigos, sentiam-se livres porque passavam a maior parte do tempo brincando na rua com seus amigos. Mas, ao regressarem, foram percebendo as perdas sofridas de familiares e de amigos, pais,

tios e vizinhos, além do cenário de destruição ao seu redor, enquanto faltava o pão nas mesas. Passada a crise bélica, puderam retornar em segurança ao seu país de nascimento para reconstruir suas vidas, muitos deles partindo do nada. O distanciamento familiar e a vivência em outra cultura fizeram com que se sentissem divididos pela idade em que se encontravam de formação de hábitos e costumes.

Embora tivessem sido escolarizadas na União Soviética por professores espanhóis, que tentavam manter o idioma e a cultura de origem, ao regressar à Espanha, sofreram um choque cultural pelo contexto dramático de destruição e mortes que encontraram, oposto ao que tinham vivido nos últimos anos.

Essa ausência prolongada tornou difícil a readaptação à sociedade espanhola. Após um longo período passado na União Soviética, durante a infância e adolescência, época de formação e aquisição de usos e costumes, elas foram assimilando os costumes do cotidiano em que viviam. Passados vinte anos, surge a possibilidade de retornar à terra, que as havia visto nascer, porém viram-se, assim, divididas entre a “mãe” que conheceram, que lhes deu proteção e os cuidados básicos, e a outra “mãe”, a que guardava em si toda a ideia de “pátria” e de “família”, conforme descreve Vieira (2001).

Percebe-se que, ao mesmo tempo, os indivíduos acabam compondo a sua identidade a partir das mudanças e permanências em outro contexto. Segundo Castells (2018), as identidades constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas. As identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, se os atores sociais as internalizam, construindo um significado. Os laços de pertencimento não se apagam e mesmo após um tempo de isolamento, eles retornam na reminiscência.

Conforme Angelo (2021), os sujeitos e os lugares transformados em memórias carregam as identificações da terra natal, do imaginário das pessoas e dos que vieram em busca de uma nova vida. Um lugar de saudade, de identificação e de relação, onde cada indivíduo colabora para a formação e desmistificação da memória de forma coletiva.

Ao retornar, compreenderam o porquê do afastamento pelo qual tiveram que passar. Perceberam o cuidado que seus pais tiveram para com eles, resguardando-os de situações de incertezas e pavor. Ainda que sentissem a infância interrompida e as vidas transformadas pelo exílio ou refúgio em países de ações humanitárias,

naquele momento crucial em que suas vidas estavam em perigo eminente, elas tiveram a oportunidade de ausentarem-se.

Em geral, as crianças refugiadas ao retornar encontram muitas dificuldades para readaptar-se ao ambiente de terror e destruição que encontram em seu país, como em expressar sua experiência pessoal, interior, raramente compartilhada, mas nunca ausente em suas vidas. Nesses casos o silêncio era necessário, mas não o esquecimento, segundo Alonso-Carballés, (1998^a, p.167)

Na verdade, saíram meninos e voltaram homens e mulheres, formados num ambiente ideológico, social e humano muito diferente daquele que deixaram, como também daquele que encontraram na Espanha.

Mesmo entristecidas por estarem distantes de sua família e amigos, as crianças criaram vínculos afetivos com suas novas famílias, principalmente quando eram bem recebidas em outro país. Assim, no Pós Guerra Civil, as recordações do exílio permaneceram nas memórias das crianças que passaram por essa experiência, deixando marcas para sempre, pois foi um episódio dramático vivido na infância, que incluiu o afastamento da família e do lugar por muito tempo.

Nos relatos dos retornados se destaca uma generalizada crença de terem vivido numa sociedade melhor e de que, quisessem ou não voltar, estavam marcados pelas oportunidades e pelo desenvolvimento educativo que encontraram na URSS.

Considerações finais

Se a guerra civil foi a página mais horrível da história do país, o fato de exilar as crianças e afastá-las de seus pais até que se restabelecesse a ordem, foi uma atitude que ajudou a superar sobremaneira a crueldade da guerra.

Ao deixar a Espanha, as crianças tiveram sua infância interrompida abruptamente e passaram a enfrentar a vida longe dos pais e das famílias, exigindo que gerenciassem sua própria história daquele momento em diante. A separação do ambiente familiar, da escola, dos amigos do bairro ou cidade, fez com que as crianças sentissem de maneira profunda o que deveriam enfrentar em país estrangeiro, de convivência de estranhos não só quanto ao idioma, como aos hábitos e costumes que lhes foram apresentados em tempos de adaptação.

O afastamento familiar, que teria a princípio uma rápida duração, em muitos casos, teve uma permanência maior chegando a dez e até trinta anos, interferindo e

prejudicando o desenvolvimento intelectual, os hábitos e costumes bem como a afetividade delas.

Alguns países chegaram a retorná-las logo após o término da GCE, no entanto, as condições da Espanha não permitiram, pois esperavam a reconstrução e a ajuda de outros países para a volta à vida normal. Nesse retorno, encontraram instalado, em seu país, o regime vitorioso em perseguição ferrenha aos republicanos e a sua ideologia.

Na volta a seu país, as crianças, agora adolescentes ou mesmo adultas, não encontraram o país deixado, mas sim destruição e morte de familiares e amigos, contexto de opressão e perseguição aos perdedores, frustrando as expectativas positivas de volta ao lar.

As lembranças do exílio, do respeito recebido de seus “pais” e das famílias que os acolheram nos países receptores, as condições oferecidas de formação, de profissionalização e de perspectivas de futuro, ficaram no imaginário como marcas indelévels.

Muitas sentiram-se deslocadas, vítimas inocentes, sem possibilidade de reconstrução de suas vidas ou de reingresso ao mercado de trabalho. Portanto, sofreram com as perdas familiares e com o exílio e, mais ainda, no retorno pelo país destruído que encontraram.

A identidade de cada uma foi confrontada na alteridade e pelo longo período que tiveram exiladas as incorrências foram muitas. Haver passado na infância esse trauma, a separação do país, dos colegas e da família fez com que a experiência vivida, tornou-as muito mais sofridas, amadurecidas prematuramente que aquelas que não passaram por isso.

Embora a princípio parecesse uma posição impositiva dos pais em retirar as crianças do cenário de lutas e embates, passado o tempo os resultados foram, em alguns casos, positivos, dependeram da experiência de cada uma em outro país.

A sorte de cada uma dessas crianças iria depender do país de destino, pois enquanto algumas foram felizes, encontrando lares e “mães acolhedoras”, além de suporte para os estudos e cuidados pela saúde, outras enfrentaram rejeição ou indiferença das famílias que as receberam, resultando em uma ajuda na formação intelectual ou em prejuízo nesse aspecto.

Referências Bibliográficas

ALONSO CARBALLÉS, Jesús Javier. *Los niños vascos evacuados a Francia y Bélgica*. Historia y memoria de un éxodo infantil. 1936-1940. Bilbao: Asociación de Niños evacuados del 37 de noviembre de 1998.

ALONSO CARBALLÉS, Jesús Javier. “La construcción de una memoria colectiva del éxodo infantil vasco”. *Revista Ayer. Associação de História Contemporânea e Marcial Pons-Ediciones de Historia*, n.32, 1998a.

ÂNGELO, Elis R. B. “Impressões da São Paulo nordestina: Entre territórios e identidades no imaginário coletivo”. *Revista CESLA. Revista Internacional de Estudos Latinoamericanos*. Universidade de Varsóvia, v. P.95-112. 2021.

ALVAREZ GILA, Óscar. “Representações de crianças bascas exiladas na tela grande: de “A outra árvore de Guernica” a “Route 66””. *Diálogos*, v. 24, n 1, p. 396-430, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/51955>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

ARRIEN, Gregorio. *¡Salvad a los niños! Historia del exilio vasco en Gran Bretaña, 1937-1940*, Bilbao: Sabino Arana Fundación. 2014, p. 58-72.

ARAGUÉS ESTRAGUÉS, Rosa Maria. *El éxodo de los niños republicanos en la guerra civil española. Primitiva Francés Casanova (1936-1939)*, Hispania Nova, Revista de História Contemporânea. Nº 13, 2015, pág. 78-98. Disponível em <http://www.uc3m.es/hispanianova>. Consultado em 20/12/2022.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 2004.

CARNEIRO, Maria Luísa Tucci. *Cidadão do Mundo. O Brasil diante do holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo (1933-1948)*. 2018. Pp.323-342

CASTELLS, Manuel. *A Construção da Identidade, O Poder da Identidade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CASTRESANA, Luis de. *El otro árbol de Guernica*. Madrid: Ediciones Internacionales universitarias, 2005.

PAYÁ RICO, Andrés. “Crianças e Exílio: Relatos de vida de crianças da Guerra Civil Espanhola na Bélgica.” EPUB. *Revista de História da Educação*. Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, v. 22, n. 55. maio/ago,

2018, Versão on-line. Disponível em <https://doi.org/10.1590/2236-3459/72904>, Consultado em 20/09/2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PONS-PRADES, E. *Las guerras de los niños republicanos*. Madrid: Compañía Literaria, 1997.

SANCHEZ RÓDENAS, Alfonso. “Los niños de Morelia y su tratamiento por la prensa mexicana durante el año 1937”. *Anales de Documentación*, España, Universidad de Murcia, n. 13, p. 243-256, 2010.

VIEIRA, Maria Eta. *História Oral de Vida de Exilados Espanhóis: a experiência de Crianças*. Dissertação. Mestrado em História Social. Universidade de São Paulo, 2001.

ZAFRA, E., CREGO, R., HEREDIA, C. *Los niños españoles evacuados a la URSS-1937*. Madrid: Ediciones de La Torre, 1989.